

FREEFOUR: TOBIAS NARRA A HISTÓRIA

ROCCO

EU NÃO TERIA me voluntariado para treinar os iniciandos se não fosse pelo cheiro da sala de treinamento; o cheiro de poeira, suor e metal afiado. Este foi o primeiro lugar no qual me senti forte. Sempre que respiro este ar, sinto isso outra vez.

Em um dos cantos da sala, repousa uma tábua com um alvo pintado nela. Encostada em uma das paredes, há uma mesa coberta de facas de lançar: instrumentos feios de metal, com um buraco em uma das pontas, perfeitos para os inexperientes iniciandos. Organizados em uma fileira, de frente para mim, estão os transferidos, que ainda carregam, de uma maneira ou de outra, as marcas de suas antigas facções: a Franqueza, com sua postura ereta, a Erudição, com seu olhar firme, e a Careta, apoiada nas pontas do pé, pronta para movimentar-se.

– Amanhã será o último dia do primeiro estágio – diz Eric. Ele não olha para mim. Feri seu orgulho ontem, e

|

não apenas durante o jogo de caça-bandeira. Max procurou-me no café da manhã para perguntar como os iniciandos estavam se saindo, como se Eric não fosse o encarregado disso. Eric estava sentado na mesa ao lado da minha, emburrado, comendo seu muffin de trigo. – Vocês vão lutar novamente – continua Eric. – Mas, hoje, aprenderão a mirar. Todos devem pegar três facas. E devem prestar atenção enquanto Quatro demonstra a técnica correta para lançá-las.

Seus olhos param em algum lugar acima dos meus, como se ele fosse superior a mim. Eu ajeito o corpo. Odeio quando ele me trata como seu lacaio, como se eu não tivesse quebrado um dos seus dentes durante a nossa iniciação.

– Agora!

Todos correm para pegar as adagas, como crianças sem facção atrás de uma fatia de pão, desesperados demais. Todos menos ela, com seus movimentos calculados, sua cabeça loira passando entre os ombros dos iniciandos mais altos. Ela não tenta parecer confortável com as navalhas equilibradas nas palmas das suas mãos, e é disso que gosto nela, o fato dela saber que essas armas não são algo natural, mas mesmo assim encontrar uma maneira de segurá-las.

Eric caminha em minha direção e eu recuo instintivamente. Tento não ter medo dele, mas sei o quanto é esperto, e sei que, se eu não for cuidadoso, ele perceberá como olho para ela, e isso será o meu fim. Encaro o meu alvo com uma faca na mão direita.

Solicitei a retirada do lançamento de facas do currículo de treinamento este ano. É uma atividade que não serve

para nada, a não ser para alimentar a bravata da Audácia. Ninguém aqui jamais usará isso a não ser para impressionar alguém, como eu estou prestes a fazer agora. Eric diria que deslumbrar as pessoas pode ser algo útil, e por isso negou o meu pedido, mas é isso que mais odeio na Audácia.

Seguro a faca pela lâmina para equilibrá-la perfeitamente. Meu instrutor de iniciação, Amar, percebeu que eu tenho uma mente ativa, então me ensinou a sincronizar meus movimentos e minha respiração. Inspiro e encaro o centro do alvo. Depois, solto o ar e lanço a faca. Ela atinge o alvo. Ouço alguns dos iniciandos inspirando profundamente ao mesmo tempo.

Encontro um ritmo na minha ação: inspiro e passo a próxima faca para a mão direita, exalo e giro-a com as pontas dos dedos, inspiro e encaro o alvo, exalo e lanço. Tudo fica escuro ao redor do centro da tábua. As outras facções nos chamam de brutos, como se não usássemos as nossas mentes, mas é exatamente isso que estou fazendo agora.

A voz de Eric me acorda do torpor.

– Formem uma fileira!

Deixo as facas cravadas na tábua para lembrar os iniciandos o que podem fazer, e me apoio na parede lateral. Amar também foi quem deu meu nome, no tempo em que a primeira coisa que os iniciandos faziam ao chegar no complexo da Audácia era passar pelas paisagens do medo. Ele era o tipo de pessoa que sabia fazer um apelido vingar. Era tão simpático que todos queriam imitá-lo.

Hoje ele está morto, mas, às vezes, quando estou nesta sala, ainda consigo ouvi-lo me repreendendo por prender a respiração.

Ela não prende a respiração. Isso é bom; um hábito ruim a menos para desfazer. Mas seu braço é estabonado, desajeitado como uma perna de galinha.

As facas estão sendo lançadas, mas, na maioria dos casos, não estão girando. Nem o Edward está acertando, embora ele geralmente seja o que aprende mais rápido, com os olhos repletos da sede de aprendizado típica da Erudição.

– Acho que a Careta levou pancadas demais na cabeça! – diz Peter. – Ei, Careta! Você lembra o que é uma *faca*?

Não sou de odiar as pessoas, mas odeio o Peter. Odeio a maneira como ele tenta diminuir as pessoas, igual ao Eric.

Tris não responde, apenas pega uma faca e lança-a, ainda com o braço desajeitado, mas dá certo. Ouço o som de metal chocando-se contra a tábua e sorrio.

– Ei, Peter – diz Tris. – Você lembra o que é um *alvo*?

Observo os dois, tentando não encarar Eric enquanto ele caminha como um animal enjaulado atrás deles. Preciso admitir que Christina é boa, embora eu não goste de dar crédito aos falastrões da Franqueza, assim como o Peter, embora eu também não goste de dar crédito a futuros psicopatas. Al, no entanto, é só uma marreta ambulante e falante, com muita força e nenhuma astúcia.

Infelizmente, Eric também percebe isso.

– Por que você é tão devagar, Franqueza? Precisa de óculos? Quer que eu traga o alvo mais para perto? – diz ele, com a voz travada.

Al, a Marreta, é impressionantemente delicado por dentro. A provocação o fere. Quando ele lança outra faca, atinge a parede.

– O que foi isso, iniciando? – pergunta Eric.

– Ela... ela escorregou da minha mão.

– Bem, então eu acho que você deveria ir buscá-la.

Os iniciandos param de lançar suas facas.

– Eu falei para vocês pararem? – diz Eric, erguendo suas sobranceiras furadas.

Isso não é bom.

– Ir buscá-la? – gagueja Al. – Mas as outras pessoas ainda estão jogando.

– E?

– E eu não quero ser atingido.

– Acho que você pode confiar que seus colegas iniciandos terão uma mira melhor que a sua. Vá pegar a faca.

– Não.

A Marreta ataca novamente, eu penso. A resposta foi obstinada, mas nada estratégica. Mesmo assim, o ato de dizer não ao Eric exige mais coragem do Al do que o ato de forçá-lo a levar uma facada na nuca exige de Eric, e isso é algo que Eric nunca vai compreender.

– Por que não? Você está com medo?

– De ser atingido por uma faca voadora? – diz Al. – Sim, estou!

Meu corpo pesa quando ouço Eric erguer a voz.

– Parem todos!

Quando conheci Eric, ele usava roupas azuis e seu cabelo era partido ao meio. Tremia ao se aproximar de Amar para receber a injeção de soro da paisagem do medo. Durante sua paisagem do medo, ele não moveu um dedo sequer; apenas ficou parado, gritando entre dentes

cerrados, mas acabou conseguindo controlar seu batimento cardíaco através da respiração e reduzi-lo a um nível aceitável. Eu não sabia que era possível vencer o medo em seu corpo antes de vencê-lo em sua mente. Foi aí que percebi que deveria ter cuidado com ele.

– Saiam do ringue – diz Eric. Depois, volta-se para Al.
– Todos menos você. Fique em pé diante do alvo.

Al, engolindo em seco, arrasta-se até o alvo. Eu me afasto da parede. Sei o que Eric vai fazer. E sei que o resultado provavelmente será um olho furado ou uma garganta rasgada; sei que o resultado será o horror, como em todas as lutas que já testemunhei, cada uma delas me afastando mais e mais da facção que escolhi como refúgio.

Sem olhar para mim, Eric diz:

– Ei, Quatro. Você pode me dar uma força aqui?

De certa forma, sinto-me aliviado. Pelo menos, sei que se eu atirar as facas, e não o Eric, há menos chances de Al se machucar. Mas também não posso ser tão cruel assim, e não posso fazer o trabalho sujo do Eric.

Tento agir com naturalidade, coçando a sobrelanceira com a ponta de uma das facas, mas não me sinto natural. Sinto-me como se alguém estivesse me empurrando para dentro de um molde no qual o meu corpo não encaixa, forçando-me a assumir uma forma que não é minha.

– Você vai ficar parado aí enquanto ele lança estas facas, até aprender a não se esquivar – exige Eric.

Sinto um peso no peito. Quero salvar o Al, mas quanto mais eu desafiar o Eric, mais ele se empenhará em me reduzir ao meu lugar. Decido fingir que estou entediado com a situação.

– Isso é realmente necessário?

– A autoridade aqui é minha, lembra? – diz Eric. – Aqui e em qualquer outro lugar.

Sinto o sangue subindo para o meu rosto enquanto o encaro, e ele me encara de volta. Max me convidou para ser um líder da facção e eu deveria ter aceitado; eu teria aceitado, se soubesse que poderia evitar situações como esta, situações nas quais iniciandos são pendurados de abismos ou forçados a espancar uns aos outros impiedosamente.

Percebo que estou apertando as facas com tanta força que os cabos deixaram marcas nas palmas das minhas mãos. Preciso fazer o que o Eric mandou. A única outra opção que tenho é deixar a sala, e se eu fizer isso, será Eric a lançar as facas, e eu não posso permitir isso. Olho para Al.

E então ela fala, e eu sei que é ela porque sua voz é grave para uma menina, e cuidadosa:

– Pare!

Não quero que Eric volte a atenção para ela. Encaro-a, tentando fazer com que ela pense duas vezes. Mas sei que isso não vai acontecer. Não sou idiota.

– Qualquer panaca pode ficar em pé diante de um alvo – diz Tris. – Isso não prova nada, apenas que você está nos intimidando. E, se lembro bem, intimidação é um sinal de *covardia*.

Brutos da Audácia, valentões, crianças do Nível Inferior: é isso que somos sob as tatuagens, os piercings e as roupas escuras.

Talvez eu seja idiota. Preciso parar de pensar nela assim.

– Então seria fácil para você – diz Eric, ajeitando o cabelo para trás e fazendo com que ele se prenda atrás da sua

orelha. – Se você estiver disposta a tomar o lugar dele, é claro.

E então seus olhos encaram os meus por um rápido instante. É como se ele soubesse, *soubesse* que sinto algo por Tris, e por isso vai me forçar a lançar facas contra ela. Por um instante, ou mais do que um instante, penso em lançar uma faca contra Eric. Eu poderia acertar seu braço, ou sua perna, sem causar maiores danos...

– Lá se vai sua carinha bonita – diz Peter, do outro lado da sala. – Não, espera aí, sua cara nunca foi bonita.

Eu quase não ouço o comentário. Estou ocupado demais observando-a.

Ela está em pé, com as costas voltadas para a tábua. O topo da sua cabeça está um pouco abaixo do centro do alvo. Ela ergue o queixo e me olha com aquela teimosia da Abnegação que eu conheço tão bem. Ela pode tê-los abandonado, mas são eles que a estão mantendo forte agora.

Não posso dizer a ela que tudo ficará bem, não com o Eric aqui, mas posso tentar torná-la forte.

– Se você se esquivar, o Al toma o seu lugar novamente. Entendeu? – digo.

Eric está um pouco perto demais, batendo com o pé no chão. Não posso lançar a faca na beirada do alvo, porque ele sabe que sou capaz de acertar o centro. Mas se eu errar o lançamento, mesmo que por um centímetro em qualquer direção, poderia machucá-la. *Lá se vai a sua carinha bonita.*

Mas Peter tem razão, ela não é *bonita*. Essa palavra não basta. Ela não é como as outras garotas para as quais

eu costumava olhar, com seus ângulos, suas curvas e sua maciez. Ela é pequena, mas é forte, e seus olhos brilhantes clamam por atenção. Olhar para ela é como acordar.

Lanço a faca, mantendo meus olhos nos dela. A faca finca na tábua, perto da sua bochecha. Minhas mãos tremem, aliviadas. Seus olhos fecham-se, e por isso eu sei que preciso lembrá-la mais uma vez do seu altruísmo.

– E aí, Careta, já está pronta para sair daí? – pergunto.

Careta. É por isso que você é forte, entendeu?

Ela parece estar com raiva.

– Não.

Por que ela entenderia? Por Deus, ela não tem o poder de ler mentes.

– Abra os olhos, então – digo, apontando para a pele entre as minhas sobrancelhas. Não preciso realmente que ela encare os meus olhos, mas sinto-me melhor quando ela o faz. Respiro o ar com cheiro de poeira, suor e metal e passo a faca da mão esquerda para a direita. Eric se aproxima.

Minha visão da sala se fecha ao redor do local onde o cabelo dela é repartido e lanço a faca enquanto solto o ar.

Ouçó Eric atrás de mim.

– Hmmm. – É tudo o que ele diz.

– Vamos lá, Careta – digo. – Deixe que outra pessoa fique aí e aguente isso.

– *Cala a boca, Quatro!* – diz ela, e eu sinto vontade de gritar que estou tão frustrado quanto ela, com um abutre da Erudição analisando cada movimento que faço, procurando os meus pontos fracos para que possa atingi-los o mais forte possível.

Ouço o “hmmm” outra vez, mas não sei se é o Eric ou a minha imaginação. Só sei que preciso convencê-lo de que ela é apenas mais uma inicianda para mim, e preciso fazê-lo agora. Respiro fundo, e tomo uma decisão rápida, olhando para a ponta da sua orelha, para a cartilagem de cicatrização rápida.

O medo não existe. Meu coração correndo, meu peito apertado e minhas palmas das mãos suadas não existem.

Lanço a faca e desvio o olhar enquanto ela fecha os olhos, aliviado demais para conseguir sentir-me mal por tê-la machucado. Eu consegui.

– Eu adoraria ficar aqui mais um pouco para ver se todos vocês são tão corajosos quanto ela, mas acho que por hoje é só – diz Eric.

Depois, ele sussurra para mim:

– Bem, acho que isso foi o bastante para assustá-los, não foi?

Eu acho, e espero, que isso signifique que ele não suspeita mais de mim.

Ele encosta a mão no ombro dela, e sorri de maneira fria.

– É melhor eu ficar de olho em você – diz ele.

Vejo o sangue escorrendo da orelha dela, até o pescoço, e sinto-me enjoado.

A sala se esvazia, a porta se fecha, e eu espero até que os sons dos passos tenham sumido antes de ir até ela.

– A sua... – Eu começo a estender a mão em direção ao lado da sua cabeça.

Ela me encara.

– Você fez isso de *propósito*!

– Fiz – digo. – E você deveria me agradecer pela ajuda.

Quero falar para ela sobre o Eric e sobre o quanto ele quer ferir a mim e a qualquer pessoa por quem eu tenha algum sentimento, ou sobre como eu sei de onde vem a força dela e como eu tentei apenas lembrá-la disso, mas ela não deixa.

– *Agradecer* a você? Você quase arrancou a minha orelha, e ainda passou o tempo todo me provocando. Por que eu deveria agradecer?

Provocando? Eu me irrita com ela.

– Sabe, já estou ficando um pouco cansado de esperar que você acorde! – digo.

– Acordar? Acordar para quê? Para o fato de que você quer provar para o Eric o quão valentão você é? Ou que você é um sádico, igual a ele?

A acusação faz com que eu me sinta frio. Será que ela realmente acha que sou como o Eric? Será que ela acha que quero *impressioná-lo*?

– Não sou um sádico. – Me aproximo mais dela e, de repente, sinto-me nervoso, como se algo estivesse pini-cando dentro do meu peito.

– Se eu quisesse machucar você, não acha que já teria machucado?

Ela está tão perto que eu poderia tocá-la, mas, se ela pensa que sou igual ao Eric, isso nunca vai acontecer.

É claro que ela pensa que sou igual ao Eric. Acabei de atirar facas contra a sua cabeça. Eu estraguei tudo. Para sempre.

Preciso sair daqui. Atravesso a sala e, logo antes de bater a porta, cravo a ponta da faca na mesa.

Ao virar o corredor, ouço seu grito de frustração, e paro, agachando-me com as costas contra a parede. Antes de ela chegar aqui, tudo havia paralisado dentro de mim, e a manhã era apenas um período que antecedia a noite. Eu havia pensado em partir. Na verdade, havia *decidido* partir e me tornar um sem-facção depois que terminasse de treinar esta turma de iniciandos. Mas então ela chegou, e ela era exatamente igual a mim, deixando de lado suas roupas cinza sem realmente deixá-las de lado. E fazendo isso porque ela conhece o segredo: essas roupas são a armadura mais forte que jamais usaremos.

E agora ela me odeia, e eu não posso mais deixar a Audácia e juntar-me aos sem-facção, como planejava fazer, porque Eric está de olho nela, como ocorreu com Amar no ano passado, logo antes dele aparecer morto na calçada ao lado dos trilhos de trem. Todos os Divergentes acabam mortos, menos eu, por causa dos resultados falhos do meu exame de aptidão. Mas se Eric está de olho nela, é porque ela provavelmente também é um de nós.

Meus pensamentos retornam para a noite de ontem, para a onda de calor que passou pela minha mão e por todo o meu corpo quando a toquei, mesmo estando congelado de medo. Pressiono as mãos contra a cabeça, tentando afastar a memória.

Mas não posso ir embora agora. Gosto demais dela. Pronto, falei. Mas não falarei novamente.